



## ABDIAS NASCIMENTO: O LEGADO DE UM SÍMBOLO CENTENÁRIO

*Carlos Roberto do Nascimento<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo, considerando a importância que o ano de 2011 tem um lugar reservado na linha do tempo dos processos que envolvem as relações etno-raciais, tanto por ser internacionalmente o ano dos povos afrodescendentes, quanto pela morte de Abdias Nascimento, busca, através da sua historiografia, debater o legado de sua obra na construção de um ethos acadêmico ativo na nova categoria de negros intelectuais.

**Palavras-chaves:** Abdias Nascimento; Movimento Negro; intelectuais e legado.

### ABDIAS NASCIMENTO: THE LEGACY OF A CENTENARY SYMBOL

**Abstract:** This article, considering the importance that the year 2011 has a place in the timeline of the processes involving ethnic-racial relations, as much by to be internationally the year of African descent people, as the death of Abdias Nascimento, search, through its historiography, discuss the legacy of his work in building an active academic ethos in the new category of intellectual blacks.

**Keywords:** Abdias Nascimento, Black Movement, intellectuals and legacy.

### ABDIAS NASCIMENTO: L'HÉRITAGE D'UN SYMBOLE CENTENAIRE

**Résumé:** Cet article, en considérant l'importance que l'année 2011 a une place réservé dans la ligne du temps des processus qu'enveloppent les relations ethniques-raciaux, tant pour être internationalement l'année des personnes d'origine africaine, comme pour la mort d'Abdias Nascimento, recherche, à travers de sa histoire, discuter de l'héritage de son travail dans la construction d'une éthique universitaire actif dans la nouvelle catégorie des noirs intellectuelles.

**Mots-clés:** Abdias Nascimento; Mouvement Noir; intellectuels et l'héritage.

### ABDIAS NASCIMENTO: EL LEGADO DE UN SÍMBOLO CENTENÁRIO

**Resumen:** Este artículo, considera la importancia que el año de 2011 tiene, un lugar reservado en la línea del tiempo en los procesos que desarrollan las relaciones étnico raciales, tanto por ser internacionalmente el año de los pueblos afrodescendientes, cuanto por la muerte de Abdias Nascimento, así busca a través de su historiografía, debatir el legado de su obra en la construcción de un ethos académico activo en la nueva categoría de negros intelectuales.

**Palabras-clave:** Abdias Nascimento, Movimiento Negro, intelectuales y legado.

## INTRODUÇÃO

Ele, acima de tudo mostra para a nova geração (...) que é possível pensar e agir, entender o mundo e transformá-lo a partir das referências culturais herdadas da

---

<sup>1</sup> Mestre em Relações Étnico-raciais (CEFET-RJ), Administrador, Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico e Coordenador das Disciplinas de Educação Profissional da Fundação Osório – RJ.



África (...) Os jovens negros, hoje, estão encontrando os benefícios daquilo que Abdias começou a lutar na década de 20. (IPEAFRO, 2005)

No dia 14 de março comemora-se o nascimento de Abdias Nascimento e em sua homenagem, o Estado do Rio de Janeiro, desde 2009, através da Lei 5542 de iniciativa do deputado Paulo Ramos, criou o dia do ativista por considerá-lo como um dos maiores ativistas sociais do Brasil. O projeto dessa Lei definia ainda em sua justificativa que o termo ativista “pode ser entendido como militância ação continuada com vistas a uma mudança social ou política, privilegiando a ação direta”(Ramos, 2009).

Também em 2009, a Assembleia Geral da ONU, proclamou o ano de 2011 como o Ano Internacional dos Povos Afrodescendentes, para o fortalecimento das ações que visam beneficiar os que possuem descendência africana, para que elas gozem dos seus direitos, bem como possam se integrar “em todos os aspectos políticos, econômicos e sociais da sociedade e para promover maior conhecimento e respeito sobre sua herança cultural” (ONU, 2009).

Posteriormente, em 2013, outra Assembleia da ONU, instituiu a Década Internacional de Povos Afrodescendentes, com início em 2015 e final em dezembro de 2024, com o tema *Povos afrodescendentes: reconhecimento, justiça e desenvolvimento*, com o objetivo de “aumentar a conscientização das sociedades no mundo quanto ao combate do preconceito, da intolerância, da xenofobia e do racismo” (SEPPPIR, 2014).

Ainda em 2013, o MEC - Ministério da Educação lançou o Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento, para oferecer formação e capacitação e concessão de bolsas de estudos, o auxílio na mobilidade internacional de estudantes e pesquisadores e a criação de canais de cooperação entre grupos de pesquisa brasileiros e estrangeiros (MEC, 2013).

Em 2014, em vários lugares neste país, ativistas do movimento negro brasileiro comemoraram o centenário do nascimento de Abdias Nascimento, ícone da luta pela valorização do povo negro e da herança cultural africana. No Rio de Janeiro, o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros – IPEAFRO, fundado por este ícone que nos deixou em 2011, realizou suas homenagem “no sítio histórico e arqueológico do Cais do Valongo, por onde desembarcaram no Brasil mais de meio milhão de africanos escravizados”.



Abdias Nascimento também foi homenageado no Prêmio Curta Histórias que teve como tema da edição "Personalidades Negras" e o seu nome foi dado a um viaduto próximo ao Gigante da Beira-Rio, estádio do Internacional, por decisão da Câmara de Vereadores de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

### A HISTORIOGRAFIA DE ABDIAS NASCIMENTO

O fato é que no dia 23 de maio de 2011, no Rio de Janeiro, aos 97 anos de idade, faleceu Abdias Nascimento. Em todos os espaços midiáticos, tanto ativistas do movimento negro, quanto políticos e pesquisadores comprometidos com as questões relacionadas à população negra pululavam mensagens de condolências. Lamentavelmente, apesar da existência de toda uma historiografia disponibilizada, inclusive na Internet, que mostram a importância de Abdias na luta contra o racismo e a discriminação, muitos brasileiros, em particular os que compõem as diversas juventudes deste país e os incluídos na pragmática classe popular de trabalhadores(as), só passaram a saber da existência de Abdias Nascimento, a partir da sua morte, quando anunciada em rede nacional pela televisão aberta. Vale recordar que

Abdias nasceu em Franca, São Paulo, em 1914. Sua biografia é recheada de acontecimentos importantes. Destes podemos destacar: participou na década de 30 da Frente Negra Brasileira; em 1944 funda o Teatro Experimental do Negro, que buscava conquistar espaço para o negro no teatro e na literatura dramática; em 1945 ajuda a fundar o Comitê Democrático Afro-Brasileiros, braço político do TEN; em 1957 Abdias forma-se na primeira turma do Instituto Superior de Estudos Brasileiros- ISEB, no curso pós-universitário, com concentração em sociologia; na década de 60 e 70, devido a repressão militar, deixa o Brasil e vai ser professor universitário no Estados Unidos e na Nigéria. Nos Estados Unidos, além de lecionar, pinta e expõe uma série de quadro. Participa de inúmeros encontros e congressos internacionais e em todos eles denuncia o racismo brasileiro. De volta ao Brasil, Abdias funda o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros – IPEAFRO. Nos anos 80 e 90 luta contra o racismo também na esfera parlamentar, primeiro como deputado depois como senador. (Oliveira, 2001, p.52-53).

Outras informações, ainda podem ser acessadas no *site* do IPEAFRO: ajudou a organizar o Congresso Afro-Campineiro em 1938; foi preso por resistir a agressões racistas e criou na Penitenciária de Carandiru, em 1941, o Teatro do Sentenciado; formou a primeira geração de atores e atrizes dramáticos negros do teatro brasileiro, além de propiciar a criação de uma literatura dramática afro-brasileira; organizou



eventos históricos como o 1º Congresso do Negro Brasileiro (1950) e a Convenção Nacional do Negro (1945-46), que propôs à Assembléia Nacional Constituinte de 1945 políticas afirmativas e a definição da discriminação racial como crime de lesa-pátria; criou o projeto Museu de Arte Negra no Museu de Artes Moderna e inaugurou sua primeira exposição em 1968 no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro; fez intercâmbio com o movimento negro norte-americano; foi titular fundador da SEAFRO (Secretaria de Defesa e Promoção da População Afro-Brasileira) e da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania do Governo do Estado do Rio de Janeiro; foi agraciado com honrarias nacionais e internacionais e em 2010 foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz em função de sua defesa consistente, desde o século passado até hoje, dos direitos civis e humanos dos afrodescendentes no Brasil e no mundo.

Abdias Nascimento “numa escala ascendente e constante, filho de um sapateiro e de uma doceira” (Oliveira, 1998), consegue diante de sua militância e em razão de sua vida acadêmica nos deixar como legado várias obras diretamente relacionadas com a “temática afro-brasileira, como *Sortilégio, Dramas Para Negros e Prólogos Para Brancos, O Negro Revoltado, O Genocídio do Negro Brasileiro, Sitiados em Lagos, Orixá – Os Deuses Vivos da África, Thothi*, entre outros” (Oliveira, 1998)

Para expor outros legados do ativista, escritor, artista plástico, teatrólogo, político e do poeta Abdias Nascimento, após seu falecimento, e, considerando sua vertente cultural-artística e a dimensão ética e política de defesa dos direitos humanos dos povos negros escravizados e discriminados, que nortearam suas ações, o IPEAFRO, no período de 8 de outubro a 4 de dezembro de 2011, no Centro Cultural Justiça Federal, no centro da cidade do Rio de Janeiro, apresentou a exposição “África – Brasil, Ancestralidade e Expressões Contemporâneas”, que tinha como principal objetivo homenagear a sua vida e arte com a apresentação de um acervo próprio além de, segundo os organizadores,

oferecer a outros jovens e ao público em geral uma oportunidade de mergulhar no mundo simbólico e nos interstícios da anomalia humana que moveu Abdias Nascimento e que move esses artistas negros, com suas consciências agudas da possibilidade de um mundo melhor para todas e todos (IPEAFRO, 2011).

### O VÍDEO-DOCUMENTÁRIO “MEMÓRIA VIVA”



Na exposição *in memoriam*, foram apresentados vários documentários, em particular o produzido pelo IPEAFRO, Arquivo Nacional e PUC –RJ, para a exposição comemorativa dos 90 anos do Abdias Nascimento. Os vídeos em si reforçavam os *ethos* de liderança e competência espelhados em sua trajetória nas diferentes décadas no país e no mundo. Serviam, portanto, de referencial para a memória, a história, a ancestralidade de matriz africana e o legado de conhecimento e de tecnologia artística desenvolvida na África, além da epistemologia de sua religiosidade.

Divido em duas partes o vídeo-documentário preparado especificamente para o evento<sup>2</sup> *Abdias Nascimento 90 Anos – Memória Viva* dedicava sua segunda parte a exposição e registros da sua participação política, enquanto na primeira parte reforçava o seu *ethos* de humanidade ao apresentar várias opiniões pessoais sobre o Abdias, particularmente, sobre a importância do mesmo em relação à negritude do Brasil e sobre a sua busca idealizada de manter vivas, independentemente da sua localização na Diáspora, a religiosidade e as tradições do mundo africano, através do viés cultural, nas simbólicas obras pictóricas que explorava com reconhecida originalidade (IPEAFRO, 2011).

Destacava-se a importância da criação do Teatro Experimental do Negro – TEN, em São Paulo, “como uma manifestação da negritude na medida em que procurou resgatar os complexos de inferioridade do negro, criados por toda uma literatura onde ele jamais ocupou um papel de herói, mas o de vilão, ou subordinado.”(Bernd, 1988). Ruth de Souza, Haroldo Costa, Lea Garcia, Dalmo Ferreira, Agnaldo de Camargo e outros “talentos negros das artes cênicas” passaram por lá. (Oliveira, 1998). O próprio Abdias definia o TEN, como instrumento e um elemento de negritude, ou seja, do “orgulho de ser negro em uma terra onde ainda prevalece o racismo. Orgulho da cultura e das tradições afro-brasileiras em um Brasil que, não soube valorizar as contribuições da raça negra” (Bernd, 1988) na construção da nossa cultura única e rica de diversidade.

A partir da metade do vídeo-documentário parte I, o narrador, como diria Ramos (2008) com sua voz “*over*”, consegue nos conduzir a uma viagem no tempo, para entender como Abdias além de poeta, político, dramaturgo e homem de teatro passa a ser um homem da pintura e quais eram os principais significantes e nexos relacionais de suas obras.

---

<sup>2</sup> Um documentário significa ou representa “pontos de vista de indivíduos, grupos ou instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões”. (Nichols, 2005)



Aos 54 anos, este filho de oxum, embarga em um novo rumo criativo: a pintura e navega aos milênios do existir do povo africano em todo o mundo. A obra de Abdias explora e interpreta vários universos simbólicos a partir da matriz primordial do Egito antigo percorrendo o candomblé, o vodu do Haiti e os ideogramas *Adinkra*<sup>3</sup> da África ocidental. Essas referências mesclam-se a evocação de heróis e princípios da luta libertária na África e na Diáspora.

Os seres da natureza povoam os quadros do Abdias numa troca constante de ambientes. Peixes nadando nos céus... criaturas aladas em terra e mar... folhas brotando de pernas e asas ... (...) Ao invocar e homenagear as entidades e os valores da cultura religiosa afro-brasileira, sua pintura nos traz uma reflexão atual e profunda sobre princípios como: a justiça, a paz, o poder e a guerra. (IPEAFRO, 2005)

Assim, o narrador afirma que a obra de Abdias expressa uma síntese do seu trabalho em décadas anteriores quando criou TEN e que nas suas ações denunciavam e defendiam em vários campos “os direitos, a cultura e a identidade do negro brasileiro. Nessa ação, a estética, a arte e a beleza figuram como questões vitais com profunda dimensão política”.

O narrador facilita nosso entendimento sobre a razão da preferência pelo *adinkra* mais retratado pelo Abdias: o pássaro *Sankofa* que olhando para trás, simboliza “a sabedoria de aprender com o passado para construir o presente e o futuro”.

Inspirado pela cultura africana, Abdias Nascimento começou a pintar durante o período em que realizava a curadoria no projeto Museu de Arte Negra. Suas primeiras telas surgiram em 1968 quando o poeta argentino Efraín Tomás Bó, antigo companheiro da Santa Hermandad Orquídea, lhe lançou o desafio de criar sua própria arte. O pintor mineiro Sebastião Januário incentivou e testemunhou suas primeiras pinturas, participando na confecção de materiais. (...) Quando o regime militar fechou o Congresso brasileiro e promulgou o Ato Institucional n. 5, Abdias, alvo de vários Inquéritos Policiais-Militares, se viu impedido de voltar a seu país. Uma amiga, a pintora Ann Bagley, o abrigou em seu apartamento em Nova York. Usando palitos de fósforo e restos de tinta que a amiga jogava fora, Abdias pintava seus primeiros quadros no exterior. Reunindo essas telas com algumas que havia levado do Brasil, realizou sua primeira exposição na Galeria de Arte do Harlem. Durante o tempo de seu afastamento do Brasil, ele continuou exibindo suas telas em galerias, universidades e centros culturais em todas as regiões dos Estados Unidos. (IPEAFRO, 2005)

---

<sup>3</sup> O *adinkra* é uma escrita ideográfica vestida em panos estampados esculpidas em peso de ouro, talhadas em peças de madeira, anunciadoras de soberania (IPEAFRO, 2011).

Em 1982, a Fundação Nacional das Artes ajudou a trazer a coleção de pinturas de Abdias ao país para uma exposição realizada na Galeria Sergio Milliet no Rio de Janeiro. Sobre a integração da arte de Abdias Nascimento, Lélia Gonzalez que participa do livro de pinturas e poesias de Abdias, “Orixás: os Deuses Vivos da África”. Faz algumas reflexões no capítulo “Griot e Guerreiro”.

A poesia de Abdias Nascimento tem muito a ver com sua pintura e com seu teatro. Exatamente porque cada registro nos remete ao outro, numa espécie de circularidade, tematizando, em suas respectivas linguagens, um campo cultural alternativo a aquele totalitariamente imposto pela cultura dominante. Abdias “poeteia, pinta e teatraliza” enquanto negro. A força metafórica de seus versos, a força colorida das formas de seus quadros, a força dramática de suas peças, ele não buscou nas escolas ocidentais especializadas em “fazer artista”, mas nesse campo cultural alternativo, repito, reelaborado e recriado pelo povo negro em nosso país. É do axé (para os nagôs) ou do muntu (para os bantos), é dessa força vital doadora da existência e da transformação dos seres que ele retira a energia que perpassa os três registros em que sua criação artística se expressa. (IPEAFRO, 2005)

### O LEGADO DO PROFESSOR ABDIAS

Por diversas vezes, neste artigo, tivemos o destaque para o termo *legado*, assim como parte do mesmo foi dedicada à ação do instituto IPEAFRO, logo após a sua morte, em particular, sobre a apresentação de uma memória-viva em forma de vídeo-documentário que indicava um direcionamento das exposições do professor Abdias Nascimento para educadores e pesquisadores. Considerando que o termo *legado*, pode ser entendido como aquilo que se deixa por testamento a quem não é herdeiro forçoso ou principal ou o que é transmitido a outrem que vem a seguir, Ficam as perguntas: Que tipo de continuidade pode ser dado ao trabalho do professor Abdias Nascimento. A quem caberia esta continuidade? Todo este cabedal de conhecimento e experiência ficaria num espaço restrito da memória da academia e dos movimentos negros?

Sales Augusto dos Santos, em artigo na 5ª Edição da Revista Mosaico – da Fundação Getúlio Vargas-FGV, sob o título “A metamorfose de militantes negros em negros intelectuais”, ressaltava a importância do Abdias Nascimento e, lembrava que, mesmo diante de tanta exaltação, no Brasil, o professor não teve oportunidade de transmitir toda sua vivência de forma direta na formação da nova intelectualidade pós-moderna. Ele somente foi professor nos Estados Unidos e na Nigéria no seu exílio



durante os anos da ditadura; “ao regressar ao Brasil, nunca foi acolhido por nenhuma universidade pública, enquanto a maioria dos acadêmicos brancos exilados conseguiu retomar seus postos anteriores ou foram realocados em outros” (Santos, 2011)

Surgindo no cenário brasileiro uma nova categoria de intelectuais - os negros intelectuais – que trazem os valores da sua natural origem ou descendência, fica o desafio de resgatar estes legados e agregar à sua formação, de forma consciente, a herança “direta ou indireta dos movimentos negros, adquirindo e incorporando destes, uma ética de convicção antirracismo (Santos, 2011). É da associação dessa ética com a vivência e experiência de cada um, além da ampliação da leitura especializada e de todo conhecimento acadêmico-científico adquirido, nas suas formações, que cada negro intelectual fortalecerá um *ethos* acadêmico ativo que orientará as suas pesquisas, estudos, ações, bem como, quem sabe, as suas atividades profissionais de professores universitários (Santos, 2011)

Ao ingressarem nos cursos de mestrado e de doutorado, surgem então, da parte desses ativistas que estão se transformando em negros intelectuais, indagações posicionadas sobre as relações raciais a partir de um ponto de vista de intelectuais negros(as) engajados(as); indagações e ponto de vista esses que a maioria dos cientistas sociais brancos desta área de estudos e pesquisas não tinha, e alguns até o desconsideravam. (Santos, 2011)

Se o legado deixado pelo professor Abdias Nascimento se destina àqueles que podem reproduzir toda esta história de lutas e conquistas, concordo com Santos, quando alerta que o simples e puro ativismo não proporciona as condições para a produção de um “conhecimento com autonomia, independência e descolonização intelectual”.

Portanto, eles precisavam ser educados com esmero por meio de métodos, técnicas e conhecimentos científicos que controlassem a subjetividade, a ideologia, etc., e produzissem conhecimentos sobre as relações raciais brasileiras de acordo com os padrões do rigor acadêmico e/ou da ciência. Dito de outra maneira, essas pretensões de produzir conhecimento dos ativistas negros precisavam de orientação e acompanhamento acadêmico-científicos. (Santos, 2011)

### REFLEXÕES FINAIS

Cabe a todos que fazem parte desta nova categoria de negros intelectuais, não pensar como elemento de uma nova elite negra enclausurada nas suas verdades e restritas nas suas ações de criar cada vez mais uma massa crítica sobre a nossa tão



falada “democracia racial”. Pegar este legado do professor Abdias Nascimento e de muitos outros, tanto no âmbito das conquistas nacionais quanto internacionais (considerando que o racismo é desterritorizado), será decisivo para eliminar os claros deixados pela não devida pulverização das produções do professor Abdias e de tantos ativistas acadêmicos que permanecem ignorados pela maior parte da população negra pobre ou não, de pele preta ou quase preta, evitando que tantas lutas se transformem em simples peças no museu da resistência negra deste país.

### REFERÊNCIAS

BALDI, César Augusto. *Abdias Nascimento, com grande Admiração e Amizade, 20 de novembro de 2011*. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2011-nov-20/2011-foi-ano-internacional-afrodescendente-continua-menosprezado.php>. Acessado em: 16 de dezembro de 2011.

BERND, Zilá. *O que é negritude*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006.

IPEAFRO. *Abdias Nascimento 90 Anos*. Vídeos Memória Viva parte I e II. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, Puc-Rj, Personas Produções, 2005.

MEC. Portaria nº. 1.129, de 17 de novembro de 2013. Cria o "programa de desenvolvimento acadêmico Abdias Nascimento". Brasília: MEC, 2013. Disponível em: <http://abdiasnascimento.mec.gov.br/files/portaria-MEC-n-1129-de-17-11-2013.pdf>. Acessado em: 08 de abril de 2015.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao Documentário*. São Paulo: Papirus, 2005.

OLIVEIRA, Eduardo de. *Quem é quem na negritude brasileira*. v.1. São Paulo: Congresso Nacional Afro-Brasileiro; Brasília: Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, 1998.

OLIVEIRA, Nelson Silva de. *Guia dos direitos dos Afro-descendentes*. Vultos Negros da História do Brasil. Cadernos CEAP. Brasília: CEAP, 2001.

ONU. Resolução 64/169 – Ano internacional dos Povos Afrodescendentes. ONU, 2009. Disponível em: [http://www.unfpa.org.br/Arquivos/resolucao\\_ano\\_internacional\\_povos\\_afrodescendentes.pdf](http://www.unfpa.org.br/Arquivos/resolucao_ano_internacional_povos_afrodescendentes.pdf). Acessado em: 08 de abril de 2015.

RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal...o que é mesmo documentário?* São Paulo: Editora SENAC: 2008.

RAMOS, Paulo. – Projeto de Lei nº 2161/2009. Cria o "Dia do Ativista" no âmbito do Estado. Rio de Janeiro: ALERJ, 2009. Disponível em: <http://www.alerj.rj.gov.br/processo3.htm>. Acessado em 08 de abril de 2015.

SANTOS, Sales Augusto dos. *A metamorfose de militantes negros em negros intelectuais*. *Revista Eletrônica Mosaico*. n. 5. Rio de Janeiro: FGV, 2011.



SEPPPIR. Década Internacional de Afrodescendentes é aprovada na Assembleia Geral da ONU. Disponível em: [http://www.seppir.gov.br/noticias/ultimas\\_noticias/2014/01/decada-internacional-de-afrodescendentes-e-aprovada-na-assembleia-geral-da-onu](http://www.seppir.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2014/01/decada-internacional-de-afrodescendentes-e-aprovada-na-assembleia-geral-da-onu). Acessado em 08 de abril de 2015.

*Recebido em outubro de 2015  
Aprovado em janeiro de 2016*